

## As melhores escolas e as crianças mais felizes

Uma das conclusões interessantes do **relatório Buzz.com** é que crianças em algumas das escolas de melhor desempenho, como na Alemanha ou na Áustria, estão entre as menos felizes na escola. Parte disso pode relacionar-se com a cultura nacional, em particular com os modelos de educação como por exemplo o *Gymnasium* em que a principal preocupação é a aquisição de conhecimento, incluindo o conhecimento e a qualificação para o trabalho.

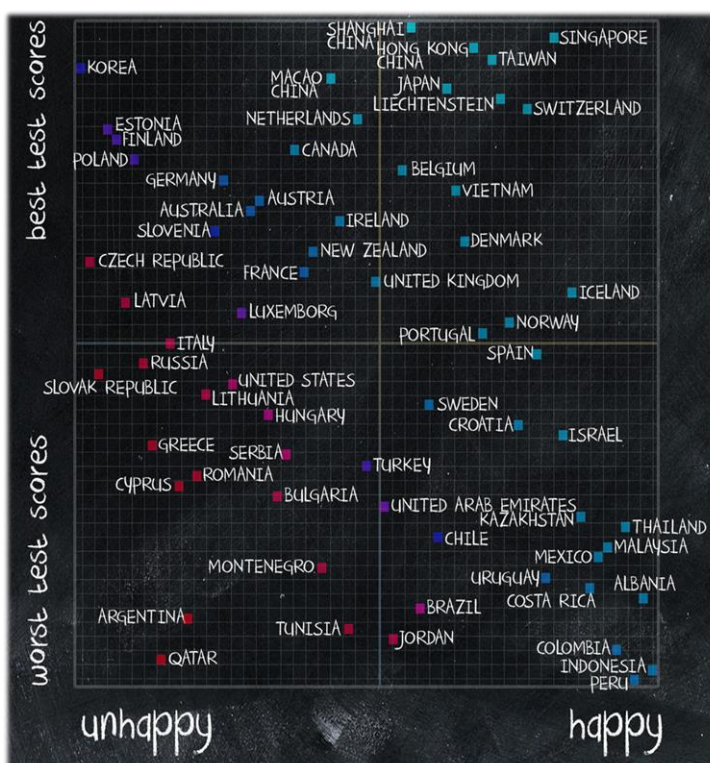
Estes modelos são fortes, especialmente no ensino técnico, podendo no entanto questionar-se até que ponto valorizam o conhecimento sobre ou para a vida. Em outros países, como o Reino Unido, o valores de limiar da felicidade podem estar relacionados com a pressão dos critérios de desempenho e os publicados *rankings* de desempenho das escolas os quais tem sido fortemente criticados por profissionais da educação.

Claramente queremos escolas que são classificadas de alto desempenho em termos do desenvolvimento que promovem no que diz respeito aos conhecimentos, capacidades e competências. Mas que ao fazê-lo contribuam também para que as crianças sintam que o objetivo de os ganhar não é só para obter as desejadas qualificações, passando exames com notas altas, mas também para a conquista da auto-realização, confiança e determinação através da aprendizagem com prazer e não de dor, resultando na obtenção de capacidades fundamentais para constante conquista de “melhoria de vida”, de uma forma livre e responsável.

O ambiente que proporciona o desenvolvimento desta missão da escola, tal como sugerido pelos dados evidenciados na figura está associado a climas escolares que são percebidos pelas crianças como seguros e amigáveis, onde possam crescer com as suas dúvidas, desafios, incertezas enquanto pessoas em crescimento e desenvolvimento.

Mais ainda, fazer sentir às crianças e adolescentes a importância de um ambiente com e de autoridade da parte dos educadores nomeadamente professores e pais é fundamental, para que elas saibam a quem “prestar” contas.

Estas são as pressões, ansiedades funcionais que elas devem experienciar e aprender a lidar desde muito cedo, para que se transformem em saudáveis jovens adultos.



Ao contrário, a percepção por parte das crianças de climas autoritários facilita o sentimento de infelicidade no que diz respeito ao contexto escolar, pois pode traduzir-se em medos de aprender e até de “errar” como oportunidade de melhoria consciente. Isto já para não falar de medos gerados por comportamentos inaceitáveis por parte dos colegas, em que a escola mais uma vez em colaboração estreita com os pais e alunos poderá ter um papel determinante para a conquista de um espaço onde se cresce e desenvolve com alegria, respeito e responsabilidade. Onde se aprende a partilhar e a delegar poder. Estudos internacionais mostram que a grande maioria dos valores que as pessoas desenvolvem são por meio informal (i.e., não consciente e não conferente de “diploma/certificado”, como por exemplo interações com os colegas e professores nos recreios) ou não-formal (i.e., consciente e não conferente de “diploma/certificado”, como por exemplo criação de associações de jovens, delegados de turma para as diferentes tarefas), ao invés de aprendizagem formal nas escolas.

Há algo para se continuar a aprender com um dos primeiros psicólogos infantis, Piaget. Ou seja, que, quando apoiada em um ambiente familiar e pré-escolar, normalmente, com a mãe e educadora de infância facilitadora da aprendizagem, as crianças aprendem a lógica em linguagem sem qualquer apreciação consciente da gramática. Mais tarde, ao aprenderem a soletrar ou escrever "corretamente" em sua própria ou outra língua deparam-se com dificuldades em termos abstratos distintivos, tais como a classificação de um advérbio, de um adjetivo, ou um condicional. Há também uma base de explicação fazendo uso da investigação neural, em que a aprendizagem explícita de gramática e matemática - embora importante - normalmente são deixados em termos de "matéria da mente" ao hemisfério esquerdo, enquanto que o sentimento, intuição e valores são da competência do hemisfério direito e referem-se à experiência de vida implícita e tácita (i.e., não consciente e informal).

Ao exigir um currículo de aprendizagem escolar muito pesado e explícito em termos de conhecimento e competências predominantemente técnicas, corremos o risco de deslocar a aprendizagem de tais valores de experiência de vida do ambiente escolar. Existe uma presunção em culturas ocidentais desde o Renascimento que a aprendizagem, por exemplo de equações finitas 'treina a mente', elas embora importantes em si mesmo podem restringir pela limitação das suas presunções de que é "de verdade" ou, mais simplesmente, em detrimento da aprendizagem do não-finito, do que é importante para valorizar a vida ou o trabalho, como o pensamento criativo, não-linear, isomórfico e assimétrico em saltos de imaginação. Algumas destas formas de aprendizagem tem sido determinantes para a matemática da complexidade e alguns dos melhores temas colocados na filosofia não são os de resposta certa para uma pergunta, mas os de desenvolver a dinâmica do pensamento fazendo perguntas apropriadas.

É claro que grande parte destes argumentos é do conhecimento de muitos professores. Mas um dos maiores matemáticos do século 20, Alfred North Whitehead, co-autor com Bertrand Russell de *Principia Mathematica*, lamentou o grau em que ela tem sido negligenciada no ensino em favor do que ele chamou de "corpos de conhecimento" que não se relacionam com a experiência atual das crianças e pode resultar em limitações da educação ao induzir em técnicas de análise que estreitam e restringem tanto a compreensão e a auto-descoberta em relação à complexidade e maravilha do mundo externo. Isto tudo para além da interface do ensino da teologia com questões existenciais em física, tais como alegadas por Einstein de que "Deus não joga dados", enquanto que a física de partículas desde Heisenberg sugere que é a natureza que o faz.

APCRSI | Teresa Carla Oliveira, 25.out.2014

The Organisation for Economic Co-operation and Development's triennial international survey compared test scores from 65 countries. "**Happiness**" was ranked based on the percentage of students who agreed or disagreed with the statement "I feel happy at school." "**Test scores**" were ranked based on the combined individual rankings of the students' math, reading, and science scores. In [www.buzzfeed.com](http://www.buzzfeed.com)

